

depoimento

UTOPIAS E DISTOPIAS VIVIDAS POR UMA FEMINISTA

UTOPIAS AND DYSTOPIAS LIVED BY A FEMINIST

Lola Aronovich, UFC¹

RESUMO: Em março de 2019, na mesma semana em que comecei o meu pós-doutorado na UFAL sob a supervisão de Ildney Cavalcanti, ocorreu o massacre de Suzano, parcialmente planejado num chan misógino que me persegue desde sua criação, em 2013. Neste relato de experiência, conto as utopias e distopias que tenho vivenciado em 14 anos de um *blog* feminista.

ABSTRACT: In March, 2019, in the same week in which I started my post-doctorate at UFAL under Ildney Cavalcanti's supervision, the Suzano massacre took place. It was partially planned in a misogynistic chan that has persecuted me since its creation, in 2013. In this experience report, I talk about the

¹ Doutora em Literatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora-associada do Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução (DELILT) na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. E-mail: lolaescreva@gmail.com

utopias and dystopias that I have lived during the 14 years of having a feminist *blog*.

Conheci Ildney Cavalcanti em 2017, quando eu estava planejando uma disciplina, Utopias e Distopias Feministas, que viria a lecionar em 2018 na pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Ao pedir sugestões a mulheres incríveis que conheço da internet que trabalham com ficção científica, como Ana Rusche, Aline Valek, Amanda Pavani e Melissa de Sá, percebi que todas recomendaram artigos da Ildney como máxima referência no tema. Logo aprendi que ela não é uma referência apenas nacional, mas internacional. Acabamos nos falando por e-mail quando lhe pedi um artigo seu que eu não estava encontrando online, e que queria usar na sala de aula. E, como ela é extremamente simpática, descobrimos que temos muito em comum, além do nosso feminismo, da paixão por utopias e distopias, de sermos professoras em universidades federais no Nordeste – como, por exemplo, termos realizado nossos mestrados na Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina. Pedi para fazer meu pós-doutorado com ela na Universidade Federal de Alagoas entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2020, e ela aceitou ser minha supervisora. Foi uma experiência maravilhosa em que tive a oportunidade de ser apresentada e me juntar ao grupo de pesquisa Literatura & Utopia, que em 2020 completou vinte anos de seu registro no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq.

Meu primeiro encontro presencial com a Ildney em Maceió ocorreu no dia 12 de março de 2019. No dia seguinte participei de uma mesa redonda na UFAL chamada “Lutas de mulheres e culturas de resistência”. Na noite da minha chegada, Ildney me convidou para um delicioso jantar no Bodega do Sertão. Lá pudemos nos conhecer melhor e conversar sobre os planos para o pós-doutorado. Tiramos uma foto no restaurante, e eu tive de refletir se colocaria ou não aquela foto no meu Twitter, que naquela época tinha cerca de 60 mil seguidores (hoje são mais de 180 mil). Afinal, eu queria compartilhar que havia jantado com minha formidável supervisora, mas, ao mesmo tempo, estava receosa em expô-la, já que desde o final de 2016 várias pessoas

com quem eu me comunicava no Twitter foram ameaçadas por uma quadrilha misógina. Acabei colocando a foto, que foi muito elogiada.



Fig. 1. Lola e Ildney no Bodega do Sertão. Maceió, 12 de março de 2019.

Mal sabia que este seria o menor dos meus problemas. Na manhã do dia seguinte, 13 de março, aconteceu o massacre na escola estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo. Dois rapazes mascarados, de 17 e 25 anos, entraram na escola e mataram cinco alunos do ensino médio, a diretora e a inspetora. Após toda a matança, ao ouvirem a polícia chegando, ambos se suicidaram, no que ficou conhecido como o massacre de Suzano. Foi o primeiro deste tamanho desde o massacre de Realengo, ocorrido numa escola na periferia do Rio de Janeiro em abril de 2011.

Assim que o massacre foi noticiado, vários comentários celebrando o ato e me ameaçando foram deixados no meu *blog*. Um deles foi este: “Vagabunda suja, vai duvidando, qq dia desses algum dogoleiro [membro do Dogolachan] te acha (o que não é

difícil, eu mesmo já te vi umas 4x na rua de fortaleza) vamos jogar futebol com sua cabeça, existem centenas que estão dispostos a te matar, muitos atentados estão por vir” (sic).

O Dogolachan, um chan (fórum anônimo ou *image board*) criado pelo neonazista misógino Marcelo Valle Silveira Mello no segundo semestre de 2013, que migrou para a Deep Web no final de 2018, comemorou o massacre: “Temos nossos primeiros atiradores sanctos formados no Dogola!” Recebi emails com prints do chan mostrando que o massacre foi parcialmente planejado naquele espaço virtual. Por causa das minhas atividades na UFAL, só tive tempo de escrever sobre o “massacre anunciado” na madrugada do dia 14. Nos dias seguintes dei mais de cinquenta entrevistas aos mais variados veículos de comunicação, já que, infelizmente, devido às perseguições de que sou alvo desde 2011, me tornei uma especialista no assunto.

Neste relato de experiência, quero compartilhar alguns dos momentos utópicos e distópicos do meu *blog* Escreva Lola Escreva, o maior *blog* feminista do país, que em janeiro de 2022 completou quatorze anos de vida.

Para dar uma ideia da obsessão que misóginos nutrem por mim, reproduzo um comentário anônimo na íntegra deixado no meu *blog* no dia 24 de junho de 2019:

Lola, você destruiu minha vida. E obrigado por isso. Conheci seu blog em meados de 2011. Eu tinha um emprego que me dava uma boa grana, uma linda namorada e estava começando o curso de direito. Foi um pouco depois do meu aniversário que me foi apresentado seu blog, me lembro que foi no orkut. A minha primeira reação pro primeiro post seu que li: QUE MERDA ESSA GORDA PUTA ESTÁ DIZENDO? Não me lembro qual foi o post, mas dizia algumas asneiras das quais tenho nojo de lembrar. Eu fechei o navegador na hora. Fiquei um ano ou menos sem ter notícias suas. Então no início de 2012 eu me deparo com um tópico onde usuários de um fórum anônimo te xingavam de ‘porca’ e ‘jabba’. Procuro pelo nome do blog que estava no tópico e, pra minha infelicidade, era a mesma bosta que eu tinha me deparado alguns meses antes. Decidi ler mais textos seus, e o meu

ódio e nojo foi florescendo. Não dava mais pra parar, Lola: nesse ponto da minha vida, você já era a pessoa que eu mais odiava. E lá se foram três anos entrando todos os dias em seu maldito blog e me espantando todas as vezes. Eu já odiava feministas e esquerdistas antes de conhecer seu blog, mas a coisa aumentou em mais de 2000 FUCKING VEZES depois de ter te conhecido. Foram muitas ofensas a sua pessoa, eu debatia em fóruns (e também em comunidades do finado orkut) e via o quanto de gente te odiava também. Mas comigo era diferente, pois eu AMAVA te odiar. Eu sentia prazer em te odiar, te xingar e imaginar a sua reação ao ler minha mensagem. Desenvolvi uma tara por isso. Cá estamos, Lola. Em 2019. Eu já conheço seu twitter e agora seu canal [no YouTube]. Agora também gosto de imaginar o Silvinho [meu marido] sofrendo, e sua mãe também. E suas seguidoras. Você destruiu minha vida, Lola, me transformou em alguém que eu jamais imaginaria ser 8 anos atrás. Meu emprego? Fui demitido, e agora estou recebendo 5x menos do que antes. Tranquei a faculdade por não aguentar conviver mais com lacradoras e feministas. Eu sempre via suas seguidoras nos colegas de classe. Minha namorada? A vadia se mostrou petralha, e mais tarde feminazi. Suspeito que ela tenha tido contato com tanto lixo através de seu blog. Terminei na hora, claro, afinal não achei meu pau no lixo. Lola, você é responsável por isso. Mas quer saber? Eu realmente me sinto melhor agora, eu me sinto mais disposto do que nunca. Descobri um novo hobby (sic): te fazer sofrer. Seu sofrimento me motiva e eu sinceramente não gostaria de ser 'curado' desses meus sentimentos. Eu não sou exatamente quem eu era, eu me redescobri, graças a você, Lola, graças ao ódio que eu sinto por você. Seu ódio me libertou, Lola, e eu te agradeço por isso. Eu te odeio, Lola, e eu amo te odiar. (ANÔNIMO, 2019, caixa de comentários do blog Escreva Lola Escreva).

Nenhum fã meu será tão fiel quanto ele. Aparentemente, ele vive pra mim. Seu comentário fala muito pouco sobre mim – em momento algum ele descreve o que escrevi que o deixou tão

indignado –, mas fala tudo sobre ele. Ele ama me ver sofrer. No entanto, para isso, ele precisa acreditar que eu sofro, e que as palavras que ele me dirige me causam algum tipo de sofrimento. Esta é uma fantasia constante dos misóginos. Eles acham que, depois de eu (ou qualquer outra pessoa que eles atacam) ler suas ofensas e ameaças, eu irei me retirar para “chorar em posição fetal”. Mas, em quatorze anos de *blog*, houve uma única vez que eu chorei: no final de 2015, quando o site falso de ódio que Marcelo fez no meu nome viralizou, graças à ajuda de dois reacionários mais famosos que o divulgaram, Olavo de Carvalho e Roger do Ultraje a Rigor. Chorei ao constatar que é tão mais fácil espalhar conteúdo de ódio do que divulgar um *blog* que luta por direitos humanos. O site falso em meu nome, com fotos minhas, link para o meu currículo Lattes, meu endereço e telefone residenciais em cada *post*, defendia barbaridades que eu jamais defenderia: aborto de fetos masculinos, infanticídio e castração de meninos, queima de bíblias. Um *post*, escrito em primeira pessoa, como se fosse eu, narrava um aborto que eu teria realizado numa aluna numa sala de aula da UFC. E teve gente que acreditou!

Mesmo que eu não saiba a identidade do misógino obviamente perturbado que redigiu o comentário obcecado, eu sei o que ele é: um mascu. *Mascu* é uma abreviação que criei em 2011 do termo *masculinista*, que era como homens machistas costumavam se chamar no Brasil, antes que o termo *mascu* se popularizasse. Nos países de língua inglesa eles se dizem *MRAs*, ou *Men’s Rights Activists* (Ativistas pelos Direitos dos Homens), mas basta passar dois minutos em qualquer fórum, página, chan ou canal mascu para constatar que o único direito que eles defendem é o de atacar mulheres em geral e feministas em particular com total impunidade. Hoje em dia, tanto o termo MRA quanto masculinista está em desuso, e são mais adotadas as nomenclaturas de subgrupos como incel (*involuntary celibate*, ou celibatário involuntário, popularmente conhecido como “virjão”. É o homem frustrado por não fazer sucesso com as mulheres); MGTOW (sigla para “Men Going Their Own Way”, ou “homens trilhando seu próprio caminho”, ou seja, defendem que homens não devem se relacionar com mulheres, ou no mínimo não namorar ou casar); e PUA (sigla para “Pick-Up Artist”, ou “artista

da sedução”; são os “*coaches*” que ensinam homens frustrados a conquistarem mulheres, geralmente tratando-as mal). Embora esses subgrupos pareçam se odiar entre si, todos partem dos mesmos princípios: que mulheres são interesseiras, fúteis e ignorantes, que elas controlam o planeta pois têm o “poder da buceta”, que o mundo está degenerado, que o feminismo destrói (quanto mais feminista um país, mais acabado; logo, misóginos pintam a Suécia como o inferno na Terra), que mulheres odeiam homens bonzinhos (como eles) e só gostam de cafajestes e criminosos.

Agora imagine o mascu do comentário gigantesco e multiplique por uns cem, todos competindo para ver quem me odeia mais, quem vai me destruir primeiro, como vai me matar, se deve apenas me matar, ou também o meu marido – odiado simplesmente por ter se casado com uma feminista há 31 anos (para mascus, toda feminista é lésbica), e ainda por cima gorda (para mascus, toda gorda é uma solitária rejeitada por todos os homens). A mera existência do meu marido embaralha muitas das verdades absolutas dos mascus.

Um dos raros instantes que o ódio contra mim deixou a internet e chegou no “mundo real” foi em maio de 2016. Anônimos fixaram cartazes no prédio de Letras da USP e no Centro Acadêmico de História da UFRGS com um logotipo chamado F.O.D.A.S.C.E. (Frente de Opressão de Abobados, Socialistas, Comunistas etc). No cartaz havia um slogan – “Menos empoderamento, mais empauçamento” –, uma foto minha com olhos de demônio e a legenda “Corra da Lola, corra!”, e uma citação atribuída à Hebe Camargo (“o feminismo não luta pela igualdade de direitos, mas é um movimento político socialista, inimigo da família, que estimula a mulher a largar seu marido, matar seus filhos, praticar bruxaria, destruir o capitalismo e tornar-se lésbica” – na realidade esta citação é do fundamentalista cristão Pat Robertson). Na porta ao lado colocaram um outro cartaz com o mesmo logotipo “F.O.D.A.S.C.E.” (uma estrela vermelha penetrada por um pênis), com um desenho de Bolsonaro e os dizeres “Bolsonaro Presidente” e “#Olavo Tem Razão”. Esses dois cartazes, com o mesmo logotipo, foram grudados ao mesmo tempo em duas universidades públicas diferentes, mostrando um

certo planejamento. Na época, houve nota de repúdio de cada departamento, mas, se é que chegou a haver alguma investigação, ela não foi à frente.



Fig. 2 e 3. Cartazes colados no prédio de Letras da USP e Centro Acadêmico de História da UFRGS em maio 2016.

Nesses quatorze anos de *blog*, fiz mais de onze boletins de ocorrência. E isso que só fiz para as ameaças mais pesadas porque, se eu fizesse para todas, não sairia da delegacia. Mas, como que para provar que distopias e utopias andam sempre juntas, num dos meus últimos boletins de ocorrência presenciais, em março de 2017, na Delegacia da Mulher em Fortaleza, uma escritã que já havia registrado outro BO se aproximou de mim, me abraçou, e me apresentou à escritã que estava me atendendo. “Ela luta por nós, mulheres”, afirmou a escritã que já me conhecia para a outra.

Sem o site de ódio falso no meu nome, talvez a deputada federal Luizianne Lins (PT-CE) nunca tivesse ouvido falar de mim. Mas a repercussão do caso, que rendeu inclusive um Profissão Repórter na TV Globo em dezembro de 2015, fez com que a deputada se sensibilizasse pela minha luta. Junto com sua assessoria, ela redigiu um projeto de lei ao ver a dificuldade que eu tinha para saber onde poderia fazer os BOs (antes de se acostumar comigo, a Delegacia da Mulher não queria registrar as queixas. Afinal, a primeira coisa que as escritãs perguntam é “O que o agressor é seu?”, e eu respondia que ele não era nada meu, que eu sequer o conhecia, que nunca havia falado com ele. A Polícia Civil mal sabia o que era um *blog*, e parecia sempre ter crimes mais importantes para resolver. No Ceará não há Delegacias de Crimes Cibernéticos e, mesmo que houvesse, essas delegacias, nos seus primeiros anos, estavam mais bem treinadas para lidar com crimes patrimoniais do que com violações de direitos humanos. Já a Polícia Federal me disse por e-mail que só atuava nos crimes em que o Brasil fosse signatário internacional, e citou como exemplos racismo e pornografia infantil. Misoginia, portanto, estava liberada. O PL número 4614, de março de 2016, atribuía à Polícia Federal a responsabilidade de investigar crimes de ódio contra as mulheres na internet.

A deputada Luizianne Lins se aproveitou de datas fundamentais para a luta das mulheres para conseguir passar o projeto num Congresso tão conservador. Em dezembro de 2017, durante os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra

as Mulheres, a lei foi aprovada na Câmara dos Deputados. Em março de 2018, na semana do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, foi a vez da lei ser aprovada no Senado. E, um mês depois, o então presidente Michel Temer não teve outra alternativa (já que a lei fora aprovada por unanimidade nas duas instâncias) se não sancioná-la. A lei recebeu o nome de Lei Lola em minha homenagem, e é a primeira vez na legislação brasileira que o termo *misoginia* aparece. Porém, com o governo ainda mais reacionário que veio depois, com direito ao aparelhamento da Polícia Federal, posso dizer que ainda falta bastante para a Lei Lola ser de fato implementada.

Uma outra história bonita, de superação, de resistência e sororidade, começou com o que parece uma distopia, mas podemos chamar de patriarcado mesmo. Em maio de 2015 em Encantado, cidade gaúcha com 20 mil habitantes, um grupo de homens se reuniu no WhatsApp para formar o grupo “Ousadia e Putaria”, onde compartilhavam fotos íntimas e vídeos de mulheres e adolescentes da cidade. O objetivo principal do grupo, segundo a publicação na página, era “compartilhar fotos de meninas de Encantado e adjacências, preferencialmente menores e nuas”. Uma menina de 13 anos teve fotos suas de lingerie expostas no grupo. Ela cortou os pulsos e foi internada num hospital. Uma outra jovem que teve fotos vazadas no grupo pelo ex-namorado vingativo (que, além de compartilhar fotos, enviou links para as redes sociais da garota e sua família) foi ridicularizada em Encantado a tal ponto que teve que sair da internet e se mudar de cidade. Ainda uma outra garota menor de idade, assustada com a pornografia da vingança contra ela, juntou provas e procurou a delegacia local para fazer um boletim de ocorrência. Pouco depois, as imagens que ela entregou já estavam no grupo do WhatsApp. Um estagiário na delegacia fotografou o BO e o compartilhou com os amigos do “Ousadia e Putaria”. O administrador do grupo não achou que estava fazendo algo errado. Muito pelo contrário: “Todos em sã consciência sabem que ‘menina’ que faz isso [tira foto nua] é puta. Falo mesmo, PUTA!”, escreveu o rapaz.

As fotos saíram do WhatsApp e algumas delas foram

parar no maior jornal da cidade, numa coluna social que dizia que as jovens decidiram “se soltar para as câmeras”. Além disso, o fotógrafo e sócio-diretor do jornal escreveu no seu Facebook:

Estão aparecendo quase que diariamente fotos e vídeos de jovens nuas de nossa região na internet. Se essas jovens não se valorizam, então elas que tenham dó dos seus familiares. Alguém me disse que elas precisariam de um acompanhamento psicológico. Tem remédio sim, uma boa cinta de couro de búfalo com uma fivela de metal fundido, isso sim ajudaria e muito no psicológico delas. (VERSETTI, 2015)

Quando uma leitora perguntou para ele “E se fosse com a sua filha?”, ele respondeu: “Eu dou uma surra bem dada, que toda vez que ela ver alguém sem roupa irá se lembrar de mim. Aí depois manda os direitos humanos falar comigo...” (VERSETTI, 2015).

Vamos enumerar quais instituições do patriarcado agiram para atacar essas jovens. Muitas das famílias das vítimas as culpavam. A polícia, que deveria protegê-las, vazou um BO para um grupo criminoso, que divulgava o que pode ser visto como pornografia infantil (e se orgulhava disso). A mídia local se uniu para zombar das meninas e incentivar violência contra elas. A escola não só não discutiu o assunto, como deixou correr solto todo tipo de fofoca e compartilhamento de imagens (muitas das vítimas eram alunas da escola). Imagino que a igreja devia estar ocupada.

Diante desse pesadelo, muitas jovens indignadas decidiram criar um grupo feminista, o Coletivo de Mulheres de Encantado e Vale do Taquari. Escreveram uma carta de repúdio, exigindo reparação, e botaram a boca no trombone, enviando notícias para jornais estaduais, como o *Zero Hora* e o *Sul21* e também para o meu *blog* (três dias depois, virou matéria na *Folha de SP*). Fizeram uma roda de conversa seguida de um protesto na Praça da Bandeira, centro da cidade, com muitas mulheres

e alguns homens. Os avós de uma das vítimas compareceram, levando uma faixa com o seguinte escrito: “Meu corpo, minhas regras”.

A então deputada estadual Manuela D’Ávila (PcdoB) apoiou as meninas de Encantado, tanto nas redes sociais quanto colocando o problema como pauta da reunião da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos na Assembleia Legislativa e acionando o Ministério Público. Ainda assim, a mídia da cidade continuou ridicularizando as jovens e defendendo os colegas jornalistas que davam declarações bárbaras. As feministas foram ameaçadas com processos.

Mas a força das guerreiras encantadas, a repercussão na mídia estadual e nacional, e uma audiência pública (assistida por 50 alunos do terceiro ano da escola) fizeram a maré virar. A polícia civil lançou a Operação Ousadia e Companhia, cumprindo nove mandados de busca e apreensão. Cerca de quarenta suspeitos foram indiciados. Os jornalistas locais tiveram de pedir desculpas. Um final feliz para uma história tão infeliz.



Fig. 4. Feministas protestam no centro de Encantado, RS, em 9 de maio de 2015.

Só que, três anos e meio depois, em outubro de 2018, recebi email de um advogado de um fotógrafo de Encantando, já

com uma notificação de processo contra mim por danos morais e direito de imagem (naquele *post* que publiquei sobre Encantado em maio de 2015, usei uma foto que encontrei no Google Images, uma das poucas de uma cidade pequena). O advogado exigia que eu depositasse R\$ 2.500 em até cinco dias úteis, ou ele me processaria pedindo muito mais dinheiro. Vi que ele e o fotógrafo ganhavam bastante dinheiro processando um bocado de gente, mas aquele *e-mail* parecia extorsão. Minha advogada disse que o *e-mail* não valia como notificação e que eu poderia ignorá-lo; no entanto, como ele já tinha até feito a peça, provavelmente iria me processar. Dito e feito. Em fevereiro de 2019 uma carta chegou a minha universidade dizendo que, se eu não pagasse R\$ 6.500 em cinco dias úteis, ele entraria com as medidas judiciais cabíveis. Eu estava afastada da UFC, fazendo pós-doutorado na UFAL. Um mês depois chegaram a citação e a intimação de audiência do processo. Dessa vez o advogado pedia R\$ 10 mil de indenização. A audiência já estava marcada para junho de 2019. Minha advogada entrou em contato com ele tentando negociar um acordo. Oferecemos R\$ 2.500, já que só o meu deslocamento de Fortaleza até o Rio Grande do Sul custaria isso. Acabamos fechando em R\$ 4 mil, e o processo foi encerrado. Sem entrar em muitos detalhes para não dar ideias, pedi doações a minhas leitoras e leitores, que cobriram o valor.

No entanto, em junho de 2020, um ano e meio depois de pagar o acordo, ao reler o *post* de 2015 sobre Encantado (uma leitora havia pedido minha opinião sobre o “exposedfortal”, em que várias jovens de Fortaleza denunciaram seus agressores nas redes sociais), é que me dei conta de por que o nome do fotógrafo que me processou soava tão familiar. Era ele, o dono do jornal que recomendava “surra de cinta de couro de búfalo com uma fivela de metal fundido” nas meninas que tivessem fotos íntimas como remédio para a pouca-vergonha delas. No final, ele ganhou.

Mas em vários outros casos a vitória foi minha, foi nossa. Até hoje, quatorze anos depois, muitas mulheres (algumas das quais eram meninas ou adolescentes na época) se referem ao meu *blog* como sua principal porta de entrada para o feminismo. Elas

contam como mudaram, como largaram seus preconceitos, como se reconstruíram mais fortes. Não foram poucas as que tiveram coragem de escrever *guest posts* contando, ainda que de forma anônima, suas experiências terríveis com abuso sexual infantil, estupro, assédio, pornografia da vingança, racismo, lesbofobia, transfobia, violência doméstica, às vezes até feminicídio (da mãe ou da irmã). Assim, muitas estavam rompendo a barreira do silêncio e narrando, pela primeira vez, sua história de horror e de sofrimento, e também de superação.

Tenho vários leitores também, que não se cansam de dizer o quanto aprenderam com o *blog*, o quanto conseguiram mudar e melhorar, como combatem a masculinidade tóxica, e como vão seguir sempre ao lado das mulheres, nos apoiando. Eu nunca os excluo e evito ao máximo termos pejorativos como *esquerdomacho* e *feministo*, porque acredito que homens podem e devem ser feministas. E que, se desejamos transformar a distopia que é nosso mundo machista e ainda patriarcal num mundo que combate discriminações, violências e preconceitos, precisamos de todos, todas, todes. Provavelmente nem assim será a utopia com que sonhamos. Mas será um mundo mais habitável para os grupos historicamente oprimidos. Um mundo mais próximo da utopia que nós do grupo Literatura & Utopia não deixamos de desejar.

Referências:

ARONOVICH, L. Guerreiras encantadas contra o machismo de uma cidadezinha. *Escreva Lola Escreva*. Fortaleza, 12 mai.2015. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2015/05/guerreiras-encantadas-contra-o-machismo.html> em: 24 out.2021.

VERSETTI, J. Jornal publica fotos íntimas de jovens em Encantado. *Coletiva.net*. Vale do Taquari, 05 mai.2015. Disponível em: <https://www.coletiva.net/noticias/jornal-publica-fotos-intimas-de-jovens-em-encantado,132310.jhtml> em 30 out.2021.